

ENTREVISTA

“EU SAMBO DO LADO DE TODO MUNDO!”: ENTREVISTAS COM IVAN DIEGO FEIJÓ DA SILVA [MESTRE BATATA]

**“I’m dancing samba on everyone’s side”:
Interviews with Ivan Diego Feijó da Silva [Mestre Batata]**

ERNANI VIANA DA SILVA NETO¹

RESUMO

Mestre Batata é reconhecido, por seus pares de ofício e aprendizes, como a melhor expressão da maneira de comandar, em termos artísticos e organizacionais, corpos percussivos na cidade de Caxias do Sul e na região turística da Serra Gaúcha. Esta entrevista compila uma série de conversas com Ivan Diego Feijó da Silva [Mestre Batata], trabalhador da indústria caxiense e Mestre de bateria de Escolas de Samba, realizadas para o documentário *De que lado que tu samba? O rufar do Mestre Batata*, do qual fui proponente, pesquisador, diretor e roteirista. A obra contou com recursos oriundos da Lei n 14.017/2020, a Lei Aldir Blanc, na área Memória e Patrimônio, do edital Criação e Formação - Diversidade das Culturas [Fundação Marcopolo e Sedac-RS] no ano de 2021, no Estado do Rio Grande do Sul. Através do citado protagonista, o documentário buscou revelar nuances do samba local, a presença negra no espaço público, na memória coletiva e das suas respectivas organizações associativas.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura; Samba; Entrevista; Mestre de Bateria; Caxias do Sul-RS, Brasil.

ABSTRACT

‘Mestre Batata’ is recognized, by his drum buddies and apprentices, as the best expression of the way of commanding, in artistic and organizational terms, percussive bodies in the city of Caxias do Sul and in the tourist region of Serra Gaúcha [Northeast region of the state of Rio Grande do Sul, Brazil]. This interview compiles a series of conversations with Ivan Diego Feijó da Silva [Mestre Batata], industry worker at Caxias do Sul and drum master Samba’s School, carried out for the documentary ‘De que lado que tu samba? O rufar do Mestre Batata’, of which I was a proponent, researcher, director and screenwriter. The documentary work relied on resources from Law No. 14,017/2020, the Aldir Blanc Law, in the Memory and Cultural Heritage area’s, of the notice Creation and Formation - Diversity of Cultures [Fundação Marcopolo and Sedac-RS] in the year 2021, in state of Rio Grande do Sul [Brazil]. Through the protagonist, the documentary sought to reveal nuances of local samba, the black presence in public space, in collective memory and in the respective associative organizations.

KEYWORDS

Culture; Samba; Interview; Drum Master; Caxias do Sul-RS, Brazil.

¹ **Ernani Viana da Silva Neto** – Mestre em Turismo. Doutorando em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul (UCS). Pesquisador-bolsista PROSUC/CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3774936945702244>. E-mail: ernaniviana@gmail.com

INTRODUÇÃO

Quando se pensa em sambas aliados aos mais diversos turismos, em termos teóricos e/ou participativos, as ideias imediatas das localidades de suas manifestações, normalmente, passam distantes das regiões ao Sul do Brasil. Mais ainda, quando se trata de regiões do Estado do Rio Grande do Sul, onde a colonização se fez com a participação de imigrantes alemães e italianos, como, no caso, na região turística da Serra Gaúcha. Uma das intenções de apresentar este trabalho para o presente Dossiê, é a de depurar um pouco este entendimento.

Figura 1 – Mestre Batataⁱ



Fonte: Antônio Valiente, Casa da Cultura, Caxias do Sul, 26-6-2021.

A compilação da série de conversas que tive com o Mestre de bateria de Escolas de Samba, Ivan Diego Feijó da Silva, mais conhecido como Mestre Batata, a fim de elaboração de vídeo documentalⁱⁱ, apresenta um panorama pouco conhecido da cidade de Caxias do Sul, inclusive, para maioria dos seus próprios moradores. As entrevistas aqui apresentadas aconteceram nos dias 21 de março, na residência do seu pai no bairro Por do Sol; em 20 de junho, na sala dos instrumentos da escola de samba Pérola Negra, no bairro Mariani; e em 15 de agosto no estúdio Noise, no bairro Panazzolo. Através do citado protagonista, expoente da musicalidade percussivo-carnavalesca, o documentário buscou revelar nuances do samba local, a presença negra no espaço público, na memória coletiva e das suas respectivas organizações associativas.

Ernani Viana [E.V.]: Como surgiu o apelido 'Batata'?

Mestre Batata [M.B.]: Isso daí foi um apelido de família, de infância. Meu pai, na época eu era o Batatinha, o Batatinha cresceu demais. [risos]. Mas isso era por causa do desenho do Manda-Chuva, tinha a Turma do Manda-Chuvaⁱⁱⁱ lá, e como somos em quatro irmãos, e eu sou o mais novo, sou o caçula, e naquela época eu era o menor... o Batatinha era o pequenininho do desenho. Daí ficou, Batatinha... Batatinha... virou Batata... daí... nome mesmo, Ivan, só na família e colegas de trabalho que sabem que meu nome é Ivan.

[E.V.]: Mestre Batata, nos conte um pouco da tua história...

[M.B.]: Sou Ivan Diego Feijó da Silva, nascido e criado em Caxias do Sul, no ano de 1983. Eu tive os primeiros contatos com carnaval de Escola de Samba, ensaios e tal, na década de 1980 ainda, no ano de 87-88. Tinha em torno de quatro anos de idade. Tinha os ensaios da escola no bairro Pioneiro, onde nasci e me criei lá, moro até hoje. Tinha os ensaios da Escola [de Samba] *Incríveis do Ritmo* e através das minhas primas mais velhas, primos que iam para o ensaio e me levavam junto, com minha irmã mais velha. Não era um convívio, tinha a lembrança de ir nos ensaios. Aquilo me fascinava, de ver aquela batucada e tal. Já me despertava o interesse no carnaval das escolas de samba. Sou de uma família que não gosta de carnaval. A mãe até que gosta, é um pouco mais festeira, mas o meu pai não tem uma cultura de escolas de samba. Mas enfim, aí a gente acabou mudando e teve uma paralisação do carnaval em si, ficou uns quatro anos sem ter desfile.

Em 1993 a gente mudou para casa nova, fomos contemplados pela prefeitura e tudo, bairro popular e tal, a gente ganhou terreno, uma casa nova lá, e gente veio morar atrás da sede da *Incríveis do Ritmo* que se tornou a sede novamente com a mudança de presidente e tal, a falecida Marlene, que era presidente da época, morava atrás da casa que a gente veio morar. Aquilo ali pra mim foi uma mina de ouro que foi encontrada, no ano de 1993. Os ensaios começaram ali, e eu comecei com praticamente 10 anos de idade, 9 para 10 anos de idade. Comecei a aprimorar minha paixão ali.

Os ensaios rolavam, a gente tentando entrar ali no meio da bateria. Antigamente era meio difícil entrar, como criança, entrar na bateria. Durante o dia a gurizada ficava batucando em lata, com os amigos de infância da mesma idade. Como tinha os ensaios de noite, de dia a gente ficava batucando em lata, balde, o que tivesse a gente batucava. Fui aprimorando, aprimorando...

começaram os ensaios de verdade. Eu tive a oportunidade de tocar bateria. Na época eu queria mesmo era tocar tamborim, me lembro muito bem, como era um instrumento pequeno eu acreditava que conseguiria tocar. Mas como na escola cada um teria que ter o seu tamborim, eu tendo um irmão mais velho que eu, a gente humilde, conseguimos juntas as economias ali de dinheirinho e compramos um tamborim pra ele, e eu não tinha instrumento. O instrumento que a escola fornecia na época, que sobrou na verdade, foi um reco-reco. Foi meu primeiro instrumento.

Mas eu queria estar no meio da bateria, vamos tocar o reco-reco. Na época tinha o Sem-Pescoço, o ritmista, o apelido dele era Sem-Pescoço. O nome dele eu nunca fiquei sabendo, mas o apelido era Sem-Pescoço. Ele tocava na bateria o reco-reco e eu coleí do lado dele para aprender e poder desfilar. Essa paixão tocava em mim e eu gostava demais. Nesse ano de 1993 a gente ensaiou dois meses praticamente todos os dias. A escola de samba em si era feita num porão, da falecida Marlene, ficou muito pequeno e tiveram que mudar para sede atual que é da Incríveis do Ritmo, eles conseguiram um espaço lá e que ficava longe de casa. Ficava do outro lado do bairro. Morávamos num bairro humilde e tinha o perigo de assalto.

Aquele ano conseguimos desfilar, acabamos desfilando aquele ano. No outro ano, como os ensaios já não eram mais ali detrás de casa, meu pai meio que me proibiu de me deslocar. Eu era muito novo, 12 para 13 anos, uma criança praticamente e ele não acompanhava porque não gostava e eu acabei não acompanhando. Fiquei três anos sem desfilar, até 1996 só ia ao desfile oficial no centro assistir. Para minha sorte acabou tendo, Dona Teresa montou a [Escola de Samba] Unidos da Pôr do Sol, para quem não conhece, Pioneiro e Pôr do Sol, para quem nasceu lá, é o mesmo bairro, é uma rua que divide.

Com o loteamento novo tiveram que dar um nome novo para o bairro Pôr do Sol, mas é no mesmo bairro na Zona Norte [de Caxias do Sul], a Dona Teresa montou a Unidos da Pôr do Sol praticamente atrás da minha casa. Ali, eu já com 16 anos, de 1997 para 1998, peguei o início da escola e de lá para cá eu não parei mais. Peguei a função de bateria, de ritmista. Toquei meu primeiro ano lá, tocando surdos, surdo de primeira na época. Fui indo até 2001 para 2002, eu fui ritmista da bateria da Unidos da Pôs do Sol.

Depois disso eu comecei a desfilar em outras escolas de Caxias. Foi quando teve o surgimento da [Escola de Samba] Unidos do É o Tchan, a [Escola de Samba] XV de Novembro já tinha, é uma escola bem mais tradicional, mas aquele ano a gente saiu na Unidos da Pôr do Sol. A gente tinha

um grupo muito bom de ritmistas, na época, e a gente recebia convite das outras escolas para participar da bateria. Eu fui para Unidos do É o Tchan em 2002. Lá eu conheci um pessoal de Porto Alegre que foi pra lá. O carnaval de Caxias sempre foi muito limitado na questão de bateria em si. Aí veio um pessoal de Porto Alegre e ali eu pude ter um conhecimento um pouco maior do meio de bateria. Veio a Mestra Alexandra, Mestre Cachorrão e o Nego Dê, Gordinho, um dos caras que me ensinaram muito, questão de afinação de bateria, os caras são muito bons.

Então, ali eu comecei a profissionalizar na questão de Mestre de bateria. Não tinha ideia de ser Mestre de bateria, era ritmista, sou ritmista até hoje, estou Mestre, mas sou ritmista de coração. Ali aprendi muita coisa na capital [Porto Alegre], o pessoal já anos-luz à frente de nós aqui no interior. Indo a capital, desfilando, desfilei na [Escola de Samba] Fidalgos e Aristocratas, que, na época, a Mestra Alexandra era Mestre de bateria lá também. Esse pessoal me apresentou novos horizontes no meio do carnaval. Com essa conexão Caxias do Sul - Porto Alegre, comigo indo todos os finais de semana lá, e ensaiando aqui durante toda a semana.

Numa época, a Unidos da Pôr do Sol acabou ficando sem Mestre de bateria, aí por incentivo deles, do Mestre Cachorrão, que pra mim é o meu mentor hoje, posso dizer que junto com a Alexandra, com o Gordinho, são meus mentores. Ele disse *"cara, assume a bateria que a gente com o trabalho aqui em Porto Alegre, a gente não vai poder estar lá o tempo todo. Assume lá, tens condições, postura de mestre, tem liderança, mente aberta, vamos te dando um suporte."* Eu não queria, era muito fominha, eu queria tocar, me divertir no meio da bateria. Mas enfim, com a necessidade acabei assumindo a bateria da Unidos da Pôr do Sol, em 2004. Só que com a função de estar sempre envolvido em tudo, eu até assumi a presidência da escola na época. Foi um fato que agora eu lembrei.

Fui presidente da Unidos da Pôr do Sol. Aí nós conseguimos um Mestre de bateria de Porto Alegre, Marcelinho. Mas foi tudo eu que fiz, como eu era presidente no papel eu não poderia sair na frente da bateria, tinha que levar a Escola. Daí fiz todos os ensaios praticamente e, no dia do desfile, ele assumiu. No ano seguinte eu disse que não queria a presidência, queria a bateria. 2005 foi meu primeiro ano como Mestre de bateria na Unidos da Pôr do Sol. Aí consegui montar um time que, até nos dias de hoje, a rapaziada lá, dos dias de criança, eu formei muitos dos ritmistas, consegui passar muito do que eu tinha aprendido. A minha trajetória começou lá atrás com essa rapaziada e veio vindo.

Em 2005 e 2006 a gente conseguiu nota máxima de Melhor Bateria, Estandarte de Ouro, eu consegui meu primeiro prêmio individual, de Mestre de Bateria do Grupo de Acesso, com a Pôr do Sol, em 2005, 2007. Por conta de um desentendimento na Unidos da Pôr do Sol, acabei saindo da Escola e assumi a bateria da minha escola do coração, a Incríveis do Ritmo. Tive o convite do presidente Zé Garcez e, do que hoje é meu cunhado, Anderson Martins, o Lesminha. Daí assumi lá, uma realização pessoal como ritmista. Fizemos um trabalho muito forte lá. Só que para 2008 alguma coisa não fechou com a administração e a minha forma de trabalho, e acabei saindo.

Fui para [Escola de Samba] Protegidos da Princesa, do Clube Gaúcho, a convite do presidente José. Pra mim foi um dos maiores desafios. Aquele ano tivemos grande problemas no desfile em si, no desfile oficial. A gente fez um pré-carnaval muito bom, ensaios bons, a bateria foi a única nota 10 da escola, o resto, Comissão de frente, Porta-Bandeira, Mestre Sala, ninguém tirou nota 10. A gente acabou ficando em 5º. Uma das piores colocações da Protegidos em um carnaval. Pra mim foi um aprendizado muito bom, tinha saído da minha zona de conforto, que era o bairro Pioneiro e Pôr do Sol. Sai de um bairro que todo mundo me conhecia para um que estavam me conhecendo ainda, minha essência. Ali foi desafiador. Em 2009 continuei lá e fomos campeões. Foi meu primeiro título no grupo especial, eu ganhei um prêmio individual como Mestre de Bateria também, mas não ganhamos Estandarte de Ouro da bateria. Aquele ano a gente não ganhou o Prêmio Destaque.

2010 foi um ano que não teve verba pública, teve alguns problemas lá no Clube Gaúcho e acabei saindo. Fui para [Escola de Samba] Império da Zona Norte. Eram duas escolas, tudo na mesma comunidade, lá no bairro Belo Horizonte. Em 2010 desfilei lá. Teve um episódio trágico, acabei perdendo um ritmista pra violência lá, foi assassinado. Era um dos meus braços direitos lá, a gente sentiu muito. Em 2011 voltei para Protegidos novamente. E gente fez um grande carnaval, fomos Campeões. Eu ganhei novamente como melhor Mestre de Bateria, na época. Estava sendo bicampeão, lá. Aí decidi assumir novos desafios, tive o convite na [Escola de Samba] Mancha Verde, escola oriunda da Torcida Organizada do [Esporte Clube] Juventude. Tava um projeto legal lá, a gente via que poderíamos ter um suporte para aquisição de instrumentos, ideias e tudo mais. Como o presidente Dinho era de bateria, também, e sempre ouvia.

O grande problema das escolas de samba, como a maior ala da escola é a bateria. Sempre teve o problema de investimento na bateria. Eu como comandante da bateria sempre procurei fazer com que meus ritmistas tivessem uma qualidade de instrumentos, poderem ter um material

bom pra poder ter um suporte. Todas as escolas que citei aqui não davam tanto valor, até davam, mas era muito precário. Essa ambição de ir para Mancha Verde era uma ambição, uma perspectiva de futuro que eu achava ideal para bateria de escola de samba.

No primeiro ano foi meio que uma adaptação, no ano de 2012, 2013, a gente evoluiu um pouco mais. Em 2012 foi meu primeiro desfile com eles, a gente ganhou o Estandarte de Melhor Bateria, eu ganhei o prêmio individual. 2013 a gente ganhou na bateria novamente, e eu como Mestre, mas o título não veio. Daí fui conversar com o presidente Dinho e disse "*cara, eu venho de dois campeonatos da Protegidos da Princesa, é bom a gente ser campeão. Se a gente não almejar o título, só receber prêmio destaque aqui e ali na bateria não vai adiantar eu estar aqui. Eu quero estar no carnaval e na Mancha Verde. Capacidade a gente tem*". Peguei o Cebola, que era meu carnavalesco, hoje é o meu compadre também, "*Cebola, vamos trabalhar para gente ser campeão. Vamos pegar o que a gente errou e vamos trabalhar*". Eu sou Mestre de bateria, mas tenho paixão de mexer com toda escola de samba. Faço fantasia, carro alegórico, faço de tudo.

Fizemos um baita samba. Investimos forte na gravação e fomos na avenida com baita empolgação. Fomos campeões em 2014. Novamente Melhor Bateria, Prêmio Individual e Melhor Mestre. Ganhamos com mais de dois pontos de diferença do segundo colocado. O ano de 2014 foi o ano que subimos o sarrafo do carnaval de Caxias. Foi um grande passo. As escolas mais tradicionais, como Incríveis do Ritmo e Protegidos da Princesa viram um concorrente a uma altura, que não tinha, e eles precisaram fazer um grande carnaval também, paralelo ao Mancha Verde.

Em 2015 seguimos a sequência e perdemos por três décimos para Incríveis do Ritmo. Em 2016 foi meu último ano lá. Fizemos um carnaval, olha posso dizer que foi o melhor desfile do carnaval de rua de Caxias do Sul foi o desfile da Mancha Verde daquele ano. Questão de padronização, fantasia, todo mundo cantando, tudo num conjunto muito bom. Com isso as outras escolas também vieram, perdi um décimo neste ano. Quando a bateria não atinge a nota máxima sempre o culpado é o Mestre. E eu assumo isso, eu fui o culpado por esse um décimo. Eu tinha uma falha no meio da bateria e confiei nessa falha, tomei um canetaço. Perdemos o título de melhor bateria. Ainda assim fomos campeões do carnaval daquele carnaval. E acabou sendo o último desfile de Caxias, né?

Mas daí como acabou o carnaval naquele ano, o Juventude, também, em paralelo a escola de samba, tava evoluindo, subindo de série e tal, e o pessoal nesse negócio de escola de samba e futebol, tudo mais, eu vi que ali não estava mais tendo espaço para mim. Algumas cobranças do pessoal, ou da torcida com o pessoal do carnaval, coisa que eu não concordava, não concordo, tu tens que saber diferenciar que carnaval é uma coisa e futebol é outra. Mesmo sendo a mesma entidade, mas são coisas diferentes. Resolvi sair em 2016. Numa promessa que eu fiz para o Wagner, meu grande irmão, grande intérprete, e filho do presidente da Escola de Samba Pérola Negra, numa passado lá ele havia feito um convite para eu fazer parte de lá. Eu disse "*cara não é o momento, mas quando eu decidir sair da Mancha Verde a primeira escola que eu vou procurar é a Pérola Negra*". Pela filosofia deles, ambiente familiar, pelo mesmo amor que eles têm pelo carnaval, a família, enfim.

Fechamos a parceira para o ano de 2017. Fizemos um trabalho forte ali, ensaios, eventos, batizei a bateria do Pérola como *Bateria Invocada* para dar uma identidade, um diferencial e marcar a minha forma de trabalhar. Não teve desfile, mas fizemos quatro meses de ensaio na comunidade, envolvemos crianças, adolescentes que não estavam mais na escola e acabaram regressando. Ensinei muita gurizada tocar, introduzi eles na bateria. Essa é um pouco da minha história no carnaval em si. Minha trajetória de cada ano que passou. Mas eu vivo o carnaval. O toque do meu celular é samba enredo, dentro do meu carro só tem samba de enredo, meu estilo de músico só é Samba-Enredo. É uma coisa que me fascina.

Dizem que samba é tudo a mesma coisa. Como diria Zeca Pagodinho, "*Samba-Enredo é fevereiro*". Mas Samba-Enredo é uma coisa, Pagode é outra, Partido Alto é outra, enfim, meu estilo é Samba-Enredo. Perdi muito emprego por causa do carnaval, a última empresa que eu trabalhei, hoje eu trabalho numa grande multinacional aqui de Caxias do Sul, fui preparar o currículo para entrar na empresa quando fui ver na carteira profissional, fui demitido de cinco empresas em março, tudo na mesma época, sim. Será que é uma coincidência? [risos]. Virei muitas noites confeccionando fantasias, quando chegava perto do carnaval faltava ao emprego para ir ensaiar, não tem como explicar essa paixão. Só entende quem está lá no meio.

Figura 2 – Gravação da trilha sonora do documentário, com Mestre Batata e Roberto Scopel



Fonte: Antônio Valiente ^{iv}

E.V.: Quando foi que lhe disseram “Você é um Mestre de Bateria!” e quando foi que você se sentiu Mestre de Bateria?

M.B.: Em 2003, com a vivência em Porto Alegre, foi quando eu comecei a tocar instrumentos que eu não sabia. Na volta, aí, sim, em 2004, na Unidos do É o Tchan, lá... teve alguns ensaios que eles não puderam vir de lá, de Porto Alegre. E eu comandi a bateria. Mas, comandi só pra poder organizar a bateria, não era, tipo... um comando, era uma organização em que eu era a referência. Ai, o pessoal chegou de lá e perguntou “*quem foi que fez o ensaio?*”, aí disseram, “*ah, foi o Batata!*” Aí, o Cachorrão veio me dizer “*Cara, começa a pensar. De repente ano que vem a gente não vai poder vir pra cá, começa a pensar de tu ir na frente da bateria.*” Plantou uma sementinha ali, né. Eu disse: “*Capaz! O meu negócio é tocar!*” Aquela fissura de guri pra tocar, né? “*Quero tocar, não quero ficar comandando bateria. Eu quero estar no meio da muvuca*”. Daí ele falou “*Tu, tem personalidade, os gurus te respeitam. Tu é um cara que fala uma vez e o pessoal te escuta. Começa amadurecer essa ideia*” E aquilo ficou.

Em 2005 a Unidos do Pôr do Sol estava para acabar, encerrar. Aí, a Dona Teresa, que era dona e fundadora daqui disse: “*Batata, eu tô cansada. Eu vou acabar com a escola*” Eu disse: “*Não, não pode, como que a senhora vai acabar com a escola. Não pode*” E ela respondeu “*Para eu não acabar com a escola só se eu entregar pra ti. Não vou entregar para outro. Sei que tu vives o*

carnaval, e só se for assim". Em 2005 eu tinha 21 anos, não tinha como. Naquele meio tempo, lá para outubro-novembro daquele ano, eu disse: "*vamos ensaiar, vai que Dona Teresa muda de ideia.*" E ela não mudou. Eu acabei assumindo a escola, mas passei para outro rapaz que estava sempre comigo, e comecei a comandar a bateria, comecei a tomar gosto. Comecei criar uns arranjos. Foi quando eu comecei a me sentir com capacidade de criar. Ao mesmo tempo que ainda estava em contato com o pessoal de Porto Alegre, pegando muitas ideias e colocando aqui coisas que aconteciam lá. Tipo, eu coloquei Naipes de Chocalhos, que não existiam em Caxias, eu que introduzi. Ali o pessoal começou a ter uma atenção maior para mim. Quem era mais antigo disse: "*Opa! Temos uma referência começando*"

E.V.: Você comandou a bateria de diversas Escolas. Como é esta relação? É tipo a de um técnico de futebol?

M.B.: Assim... Eu tenho a minha escola do coração, que é a Incríveis do Ritmo, que é a primeira escola e que por ela eu peguei minha paixão pelo carnaval. Tenho um carinho enorme pela Unidos do Pôr do Sol. Foi a primeira escola que eu comande, né, e todas as demais escolas eu tenho como referência profissional mesmo e amor pela bandeira que eu defendi. No momento em que eu for contrato por aquela escola, o lado coração eu deixo de lado. O que vai prevalecer é o lado profissional, vou me dedicar de corpo e alma ali.

Depois da Unidos do Pôr do Sol eu fui para Incríveis do Ritmo, em 2007. Fiz um trabalho ali. Aí juntou os dois, a paixão pela escola, e tal. Ali foi um ano muito intenso. Aconteceram muitas tragédias. Um tufão forte arrancou o telhado inteiro da escola, foi difícil trabalhar ali. Como fizemos um trabalho forte ali em 2007, recebi, em 2008, o convite para integrar a Protegidos da Princesa. A mais tradicional, com mais destaque. Tipo, títulos em cima de títulos. Ai, o que é que eu pensei na época: *Pouco recurso, assim, e pouco incentivo para trabalhar em cima da bateria da Protegidos da Princesa. Eles vieram com a proposta de que me dariam tudo que eu precisasse.* No início foi assim, mas depois...

A Protegidos sempre primou pelo luxo, né? E a bateria era só um detalhe. Então, eu sempre batalhei, sempre bati na tecla de que o coração da escola é a bateria. Se não tem uma bateria boa, não tem uma escola boa. Tem que ter recurso, tem que ter qualidade, tem que ter material pra poder trabalhar. Os instrumentos ali eram muito sucateados. Eu reformei, reformei ali. Mas era difícil trabalhar lá. Trabalhei o ano de 2008, 2009, lá. Em 2010 não teve verba pública para o carnaval de Caxias. Foi o ano do [Prefeito] Sartori, lá e tal. Como meu trabalho era remunerado,

eu queria sair na escola, mas eles disseram, que eu fiquei muito magoado até com a diretoria na época: "*Que nem tu, qualquer um pode fazer o trabalho.*" Bah! Só que eu que estou aqui né, tinha que ter valorizado. "*Tu vais ter que vir de graça*", eles falaram. Foi isso que eles falaram. Ainda disseram que eu não estava à altura da Protegidos. Dois anos lá, dois anos conseguindo nota máxima, conseguindo título para escola, tipo... na hora de ser parceiro, não me valorizaram. Peguei e sai.

Vim para escola Unidos da Zona Norte, a convite do Xuxa. Foi um ano difícil, até porque é um bairro muito perigoso. Acabei perdendo um dos meus ritmistas ali. Ele ficou ali depois do ensaio, ficou conversando ali, se passou da hora. Na hora de ir embora ali, arrumou confusão com os caras, acabaram matando-o ali. Foi complicado ali, foi um ano bem difícil. De 2010 teve esse problema lá, com esse ritmista. Em 2011 eu estava "*para onde que eu vou?*". Não vou ficar ali na zona norte. Eu disse que não iria ficar. Mas, eu disse "*eu vou voltar para Protegidos e vou mostrar que eu sou o Mestre Batata, já*". Que eu faço a diferença. Em 2010 eles não ganharam o carnaval. Em 2009, quando eu estava lá, tínhamos sido campeão. Eles tinham tido um trabalho muito ruim de bateria no ano que eu não estava. Não conseguiram gente, não conseguiram pessoas. Até porque eu tinha saído e levado quase todos os integrantes da bateria comigo.

Voltei em 2011. Fiz um excelente trabalho lá. Fomos nota máxima, Estandarte de Ouro na bateria, Campeão. Aí me falaram: "*Já vamos fechar para o ano que vem*", em 2012, e eu disse "*Não, não vou fechar com a Protegidos da Princesa.*" Aí disseram: "*Ah, mas tu vais pra onde?*" Eu disse: "*Eu vou para Mancha Verde*", que era um bloco na época, um bloco recém começado. "*Ah, mas tu vais para um lugar que não tem nem referência de carnaval, nem nada*" e eu disse: "*Vou transformar ela na maior escola de Caxias*". Eles deram risada da minha cara. Fui para Mancha Verde em 2012.

E.V.: Foi por querer, mesmo, ou te convidaram?

M.B.: Já tinha um convite do pessoal da escola. Do André Barroso, que era um componente da escola lá, e do Fladimir Goulart, que é intérprete e que havíamos trabalhado na Incríveis e na Pôr do Sol juntos, que estava lá. Eu tinha o contato do presidente Dinho, na época, e eles estavam precisando de alguém para cantar, e indiquei o Fladimir. Ele já estava lá e mantínhamos contato sempre. O conheci pelo pessoal de Porto Alegre. Ai eles sempre: "*Ah, meu! Vem para Mancha, é bom de trabalhar aqui. O que tu precisares os caras te dão.*" Eles já tinham desfilado como escola, já tinham passado pelo acesso e já estavam no grupo especial. Eu fui pra lá.

Bah, peguei um desafio. Quando cheguei, a primeira conversa, que nem nós estamos tendo, tava eu, o Fladimir e o Dinho, e eu disse para o Dinho assim: "*Dinho, eu estou vindo para cá para ser campeão*". "*Mas como homem? Nós estamos começando!*" [risos]. Fladimir também disse: "*Eu também! A melhor coisa que tem é ser campeão!*" [risos]. Eu disse que essa era a ideia, e se a ideia for essa, tu me contratas. Dinho parou e pensou: "*Tá, mas o que é que tu precisas para ser Campeão?*" "*Vontade de ser campeão!*" Primeira coisa que a pessoa tem que ter é vontade. Ele disse: "*Então... vamos trabalhar!*" E nisso conheci o Cebola, que era o Carnavalesco da escola.

E.V.: O do Bar do Cebola?

M.B.: Não, é outro. Mas daí eu disse para o Dinho: "*Em todas as escolas que eu trabalhei tive um bom resultado, tu viu, né? Mas para eu fazer um bom trabalho tu tens que me dar a autoridade da bateria. Eu nunca tive essa autoridade*". Ele perguntou: "*Que tipo de autoridade?*" "*Na bateria sou eu que mando, sou eu que vejo o que precisa, o que não precisa, se a fantasia está adequada, se não está.*" Ele disse: "*Não cara, isso é contigo! Eu queria uma pessoa exatamente assim para eu não me incomodar.*" E lá eu tive toda autonomia para conduzir um trabalho que eu acredito ser certo em termos de bateria. Tipo, o carnavalesco diz que a fantasia é essa e eu dizer: "*Bah! Está não dá, atrapalha, é muito grande, vai dar pouca mobilidade.*"

Lá na Mancha eu fiz um trabalho de excelência, questão de autossuficiência da bateria. É uma ala muito cara da escola de samba. Pelo valor dos instrumentos, manutenção dos instrumentos, estraga muito os instrumentos durante os ensaios, material, baquetas, enfim... Eu disse para o Dinho: "*Cara, a bateria vai se autossustentar.*" Ele disse: "*Cara, te vira, é contigo!*" E eu fiz esse trabalho, promovia rifas, festa junina, jantas, almoços... A gente arrecadava dinheiro e destinava tudo em material para bateria. Ainda na Protegidos eu tinha falado para um dos meus ritmistas: "*Cara, meu sonho é ter um dia todos os instrumentos novos. A gente chegar e tirar o cabaço dos instrumentos na avenida, assim.*" Ele disse: "*Cara, em Caxias a gente nunca vai ver isso.*" Pelos trabalhos que a gente já teve, ninguém nunca havia investido em bateria.

Em 2015, do primeiro ao último instrumento era tudo zero quilômetro. Conseguimos comprar lá no Rio de Janeiro. Através do Cachorrão conheci o dono da Ivsom, que é a melhor fábrica de instrumentos para escola de samba do Brasil. Fui lá na fábrica conversar com ele, fui na casa dele.

Figura 3 – Mestre Batata a frente da bateria da Escola de Samba Mancha Verde (13-2-2015)



Fonte: Imagem Ilha 8C5A / Audiovisual.

Montei a bateria e já para começar o desfile, eu chamei o Piolho, que era o repique da escola. Chamei ele, pedi para ele subir num tipo de castelinho, que a bateria vinha de Super Mário e eu vinha de Rei Copa, fazendo as coreografias. Tem uns vídeos por aí, vestido de Jacaré. Chamei ele e disse: *“Lembra lá em 2009 que eu disse que sonhava em ter toda uma bateria nova para desfilar?”* Ele me olhou, com os olhos cheios de lágrimas, assim, e a gente chorou junto ali, e ele me disse: *“Cara, que orgulho de fazer parte da tua bateria.”*

Depois daquilo ali, a nota que eu tirar não importa. O que importa é a satisfação dos meus ritmistas que estavam comigo no trabalho ali. Espírito de equipe. Foi o diferencial da minha bateria, sempre foi esse, assim, a lealdade dos meus bateristas comigo, assim. Em 2012 eu fiz um trabalho de chegada. Fizemos apenas quatro ensaios antes do carnaval. Foi um ano que não tinha verba, foi um ano bem difícil, o dinheiro era muito pouco.

2013 foi o ano que a Mancha falou do Centenário do Juventude. Só que o Juventude não ajudou com nada, financeiramente. A gente fez um trabalho, meio que nas coxas, com a mentalidade de escola pequena. Depois que acabou o desfile, a gente ficou em terceiro lugar naquele ano. A gente pegou as notas e começamos a olhar os erros que a gente teve. Poderíamos ter sido campeões com seis décimos a frente do primeiro lugar. Erros mínimos. Perderam ponto em carro alegórico, alegoria, erros bobos.

Aí, em 2014, cheguei para o Dinho e falei: *"Olha Dinho, nós poderíamos ter sido campeões, mesmo sem acreditar. Cara, se não tivermos a vontade de sermos campões eu vou largar fora."*

E o Cebola falou a mesma coisa. A gente fez um trabalho forte em 2014 e fomos campeões. Depois de ter sido campeão, o que vale para eles do time, que tem como referência de torcida organizada e escola de samba, é a foto né, estar na mídia, status, reverência do clube para eles, e o Dinho chegou lá no clube, na segunda-feira depois do resultado na reunião deles, todo mundo se levantou e bateu palmas para ele: *"Parabéns, Mancha Verde"* coisa e tal. Ali aflorou nele a gana, mais ainda, de ser campeão.

Para 2015, subiu muito para a cabeça dos guris e nós fizemos um dos melhores desfiles que eu já tinha visto em Caxias. Só que o que aconteceu: *"O que tá certo, a gente não mexe, só mexe no que errou..."* Melhoramos tudo! Dos que estavam certo, a comissão de frente que veio de Porto Alegre, que tinha tirado dois 10 pelos jurados, os caras vieram a Bangu. Disseram: *"Isso aí já tá garantido, não vamos cuidar."* Perdemos para Incríveis do Ritmo por conta da comissão de frente.

Em 2016 eu disse: *"A gente tem que vir atropelando."* Evoluímos mais ainda e fomos campões com mais de 5 pontos de diferença da segunda colocada. Foi o ápice dos desfiles de Caxias do Sul e que foi o nosso último carnaval. Foi histórico, pela qualidade, pelo visual, tem alguns vídeos que mostram todas as alas cantando, todas as alas de uniforme, coisas que não existiam no carnaval de Caxias, toda aquela padronização de desfile, que sempre foi meio que no oba-oba. Queira ou não fez com que as outras escolas se puxassem para evoluir também. Em 2016, último desfile, com a gente campeão, e tudo mais, a gente foi conversar para o próximo carnaval e a gente acabou não se acertando por questão de valores.

Eu tinha muita proposta de outras escolas. Financeiramente, seria melhor para mim em outras escolas do que na Mancha Verde. Desde 2014, antes dos títulos da Mancha, eu já tinha essas propostas, da Incríveis e da Protegidos da Princesa. Eu não fui porque eles estavam atendendo minha necessidade de autonomia à frente de uma bateria de escola de samba e eu não sentia, também, que seria a hora de sair. Em 2016, depois do último desfile ali, eu já comecei a perder um pouco do gosto de estar na Mancha Verde, porque o time Juventude começou a crescer em paralelo a isso, o time, subiu da série D para série C, da C quase para B, daí as lideranças da torcida estavam meio que menosprezando o pessoal do carnaval. Tipo: *"Ah, só tá pensando em*

carneval, a escola de samba não traz nada para nós." Só que quem que estava mantendo o destaque da torcida era a escola de samba.

Então eu comecei a me desgostar. Estavam privilegiando a torcida, só que a torcida estava sendo destaque por causa da escola de samba e pelo carnaval. E aí a questão do futebol começou muito a influenciar. Eu, que sou Gremista, que é o meu time do coração, e eles sabiam desde que me contrataram, gosto do Juventude assim como gosto do S.E.R. Caxias [Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias do Sul], mas nunca fui de defender bandeira nenhuma. Mas, para eles, só o Juventude que importava. Até teve umas brigas com ritmistas meus que colocavam em rede social coisas do Grêmio, do Internacional, e começaram a me cobrar. Começaram a misturar as coisas: "*Não gente, meu negócio é carnaval, não é futebol.*" Aí foi aquela mágoa que ficou na Mancha Verde, aí resolvi sair, sem proposta de ninguém. Estava decidido até parar.

Aí veio o convite do meu compadre lá, do Pérola Negra, o Vagner. Que a gente se conhece há muitos anos, e que é filho do presidente, o Tio Cafú. Daí ele me lembrou uma história antiga. Eu sempre desfilei com eles lá na bateria, mesmo sendo mestre eu desfilava com eles na bateria para ajudar. E ele me disse um dia, num desfile da Protegidos: "*Cara, no dia que tu não quiser desfilar mais em lugar nenhum, vem desfilar com nós, lá no Pérola, tu vai ser feliz.*" Aquilo ficou. Numa conversa ele me lembrou disso, tal dia, tal hora. E no dia eu tinha dado minha palavra que um dia eu iria comandar a bateria do Pérola Negra mesmo. Ele me pegou na palavra, e vamos fechar.

Comecei a trabalhar lá e eu vi a essência assim, da pessoa gostar de fazer, de estar gostando de fazer o carnaval. O pessoal do Pérola Negra, sabe aquele amor de tu não ganhar nada financeiramente em troca? Fazer pelo que tu gosta? Eles sempre tiraram dinheiro do bolso para fazer carnaval. Escola pequena, e tal, nunca tiveram apoio de ninguém para fazer carnaval, sempre eles, e lá eu valorizei muito isso. Que pena que em 2017 não teve carnaval. Eu estava fazendo um excelente trabalho com eles. Ia ser um excelente desfile da Pérola Negra. Eles iam surpreender muita gente. Eu consegui montar um bom trabalho lá. E aí, acabou o carnaval. Estava tudo preparado. Sabíamos que em janeiro, se assumisse o [prefeito] Daniel Guerra, não ia ter carnaval. Aquilo lá, nós sabíamos, estávamos cientes.

Já estávamos tendo reuniões, mas quando ele assumiu, e disseram que não ia ter verba para o carnaval, lembro que já estávamos na metade de janeiro em diante, depois do dia 15, pelo dia 20, parece, eu dizia: "*Vamos desfilar, vamos desfilar!*" Eu lembro que vivia batendo na tecla. Fui

muito em rede social dizer: “*Gente, temos que desfilar, quem faz o carnaval somos nós, não eles*”. Mas só que não viria nenhuma estrutura, daí os presidentes resolveram não colocar, para preservar a integridade física de todo mundo. Vai que dá uma briga e tal. Daí decidiram não fazer o desfile, que, para mim, foi o maior erro que poderíamos ter cometido. Teríamos que ter saído para demarcar território. Se tivesse mantido, naquele ano teve carnaval de rua, de bloco, teve... Cada um se virando, mas teve. Ali, em 2017, foi o ápice do carnaval de rua da cidade. Deu aquela multidão na Estação Férrea. Tiveram até que mudar o local, foi uma loucura ali no Bloco da Velha. Concentrou tudo naquele evento ali. O centro foi tomado.

Figura 4 – Bloco da Velha na Estação Férrea, em 2017



Fonte: Fanpage do Bloco da Velha (Facebook) [Link](#).

E.V.: Lembro de algumas atividades nas escolas, naquele ano.

M.B.: Teve, teve... Na quadra da Pérola Negra, no XV de Novembro e na Filhos de Jardel. Já que não teve na cidade, vamos fazer algo por aqui mesmo. A gente fez um carnaval com o pessoal da [S.R.B. Estado Maior da] Restinga de Porto Alegre aqui, também.

E.V.: Falasses das tuas referências em Porto Alegre, mas e aqui em Caxias? Tens referências daqui?

M.B.: Depois de passar por estas referências que tive em Porto Alegre e tal, e ir conhecendo um pouco da história do carnaval de Caxias, eu tinha... não era referência, mas assim, o respeito pela pessoa e pelo comando que ele tinha na frente da bateria, era o Mestre Zizinho, da Incríveis do Ritmo, já falecido, não faz muito, um ano ou dois anos atrás. O Mestre Zizinho, tio do Guy Ribeiro, o Buiu que chamam, lá do violão que é referência daqui de Caxias e que foi Mestre de bateria também. Mas o Zizinho era uma das maiores referências que tinha pelo comando que ele tinha na frente da bateria, pelas atitudes que ele tomava. Era um senhor bem pequeno, ele subia num caixote. Quando ele subia em cima do caixote, era, literalmente "*quando um burro fala, os outros baixam a orelha*" Bah! Ele tinha um comando, assim, enorme na Incríveis.

E.V.: **Muitos falam que você possui uma elaboração rítmica muito particular. O que lhe diferencia dos demais e como desenvolvesses este sotaque rítmico?**

M.B.: Acho que é pelo amor que eu tenho pela bateria. Essa entrega, eu acho que seja o meu diferencial. Lógico, também o contato que eu tive com o pessoal lá da capital em 2003, Alexandra, Cachorrão, o Gordinho. Ali eu consegui pegar um aprendizado muito grande. De 2003 pra cá eu estudei muito. Em 2009, na Protegidos da Princesa, eu consegui introduzir uma batida de caixa que todos conseguissem reproduzir, antes era levado meio à vontade. Cada ano fui evoluindo e fui ganhando a confiança dos meus ritmistas, fui ficando mais audacioso e estudando mais. Está sendo um grande diferencial do meu trabalho. O tesão por estar tocando.

E.V.: **Como que você organiza tua bateria?**

M.B.: Assim, primeiro de tudo, infelizmente em Caxias nós temos um problema muito grande de ritmista, qualidade de ritmista, eu penso num número "x" que vai dar uma equalização boa para a bateria. Começo a distribuir. Coloco os graves nas pontas, que são os surdos. Na fila do meio, os surdos de terceira, que é um instrumento grave também, mas é um instrumento mais de 'desenho' da bateria, de floreio que eu chamo, no meio da bateria. E vou mesclando, caixa repique para uma equalização boa. Na frente ponho os mais agudos, tamborim, cuica e chocalho. No meio também ponho repique bossa, que chama a bateria 'para subir', e os repiques que dão a condução, no meio disso tudo para fechar. Vou preenchendo com caixa onde sobra.

E.V.: **Você diria que este desenho é seu?**

M.B.: Não! É referência do carnaval carioca que eu tenho de estudos e aperfeiçoamentos que eu procuro ter em vídeos e de outros mestres falando. Como não encontro aqui, vou na fonte do carnaval carioca onde eu me inspiro em tudo.

E.V.: Tens contato com quem no Rio de Janeiro?

M.B.: Já tive contato com alguns Diretores e alguns Mestres de bateria. Amizade eu não tenho né, tenho..., assim, eles sabem quem eu sou porque me apresentaram uma vez quando fui na fábrica de instrumento do Ivsom. Ele me apresentou ao Mestre Dudu, da Mocidade Independente. Fui lá na quadra deles, fui muito bem recepcionado por eles, mesmo não sendo ninguém, fui tratado com muito respeito. Sempre pensei: "*Bah, os caras sendo o que são, nem vão dar bola.*" O Ivsom me apresentou, disse quem eu era.

O Ivsom mesmo já veio a Caxias, veio ver quem eu era, me apresentou como bom Mestre de bateria, apesar de o carnaval do sul ser um carnaval que ninguém conhece. Ele me botou no camarote da bateria, me convidou para tocar na bateria. Mestre Dudu me deu um tratamento, assim, muito bom. Conheço, também, o Mestre Casagrande da Unidos da Tijuca, já tive um primeiro contato. No dia seguinte fui na Portela, numa final do samba em 2017. Lá eu conheci o Vaguinho do Repique, que é um dos maiores repiques do Brasil, junto com Celsinho da Mocidade. Conheci o Mestre Sombra, da Mocidade Alegre de São Paulo. Conheci o Rodney, da Beija-Flor, só conversei. Nilo Sérgio, da Portela, também me tratou muito bem, estava muito corrido, mas me mostrou toda bateria dele. Eu participo de alguns grupos de WhatsApp de mestres de bateria do Brasil todo e sempre sabemos quem é quem.

E.V.: Para uma escola de samba funcionar bem, seriam necessários quantos profissionais diretamente envolvidos?

M.B.: O ideal? De 50 para mais. O último carnaval que eu vivi, que foi no Mancha Verde, agora estou no *Pérola*, mas, enfim, acabei não concluindo meu trabalho, eu fiz o carnaval do Mancha Verde com seis pessoas. O Cebola, cuidou de tudo. Eu, Mestre de Bateria, mas cuidava de carro alegórico, cuidava de fantasia, comida de quem estava trabalhando no barracão. A minha esposa que era a aderecista. A esposa do Cebola, também era aderecista. O Dinho, que estava ocupado com outras coisas, mas sempre correndo atrás de material e tudo mais. E a cunhada do Cebola, que era costureira. Seis pessoas trabalhando 22h por dia. A gente começou em outubro, mas assim, trabalhado mesmo, quatro meses.

E.V.: Você consegue calcular quantas pessoas estariam envolvidas diretamente com o carnaval na cidade?

M. B.: Em torno de mil pessoas, mais ou menos. Teria mais, mas envolvido mesmo com escola de samba, em torno disso.

E.V.: Como os caxienses lidam com o seu carnaval?

M.B.: Caxias teria um potencial de ter o maior carnaval do Rio Grande do Sul, pela indústria que tem aqui, pelo poder aquisitivo do caxiense. Só que, o que é que acontece? Caxias nunca valorizou o carnaval, mas sempre gostou de carnaval. O pessoal... é um carnaval velado. Enquanto eu estou fazendo carnaval, tá legal, quando é o outro que está fazendo, me incomoda. Teve sempre essa distância da alta sociedade para o pessoal de periferia. O carnaval sempre existiu em Caxias, mas sempre tu lá e eu cá. Teve o Carnaval de Salão, a alta sociedade fazendo o Carnaval de Salão, e o Carnaval de Rua, de escola de samba, tipo... menosprezado.

Agora cresceu o Carnaval de Rua, o Carnaval de Salão acabou terminando. Baixou o de rua, cresceu o de salão novamente. Agora é o Carnaval de Blocos. Eu vejo que aqui em Caxias tem um material humano muito bom, grandes carnavalescos, grandes mestres de bateria. Particularmente, eu sempre observei o trabalho de outros Mestres para tentar absorver a essência de cada um, para eu poder evoluir profissionalmente. Tenho referências do Mestre Zizinho, que era da Incríveis do Ritmo, que ele tinha uma postura na frente da bateria, tipo eu peguei pra mim, aprendi com ele que para estar na frente de uma bateria a gente tem que se impor, mostrar respeito. Tomo isso pra mim em tudo, me imponho. Caxias poderia dar uma atenção maior, potencial para crescer nós temos.

E.V.: O que as Escolas de Samba poderiam fazer para que mais pessoas se aproximem?

M.B.: Acredito que com todo este cenário que estamos vivendo, que já estávamos vivendo antes de desprezo do poder público que acabou com o carnaval, com a destinação de verba pública para o carnaval desde antes. Posso dizer, assim, que nunca fui a favor da gente ser dependente 100% do poder público. A escola de samba, o nome já diz, é uma escola, é uma entidade, que na maioria dos seus estatutos são beneficentes, cultural-carnavalesca, tem que oferecer mais para comunidade, para população. Para retomar isso, no meu entender e sempre foi esse, tem muita gente que sabe dessa minha opinião, tem que fazer mais ações, fortalecer com projetos sociais, oficinas, profissionalização de cada ala, dança, de canto, de tudo.

A sociedade vendo o trabalho forte de cada comunidade com sua escola de samba, a sociedade verá com outros olhos o carnaval em si. Ali tu tá formando cidadãos. As escolas de samba do Rio de Janeiro, pra mim são as referências, né, tem projetos sociais dentro das escolas de samba que tu tira curso técnico de enfermagem, de todos os cursos dentro das escolas de samba. Logico, a gente não tem nada disso, mas dá para gente começar com um projeto menor. Planta lá uma sementinha, mais adiante a gente colherá seus furtos. Dessa forma a sociedade em si vai olhar com outros olhos. Neste meio tempo estaremos formando cidadãos e profissionais do carnaval. Estou trabalhando em cima disso, devido a pandemia, está no papel ainda, mas irei colocar em prático no futuro. Essa é a minha ideia. Infelizmente o pessoal do samba de Caxias não é unido. Falo com propriedade. Se não sou eu que estou organizando um certo evento, eu não vou prestigiar...

E.V.: Não seria por conta da rivalidade entre as escolas de Samba?

M.B.: Tem muito disso, assim, o segmento poderia ser muito mais forte se fosse mais unido. Eles só pensam no deles, não no todo. O Clube do Samba era um evento destinado a encontro de sambistas para promover o samba. A proposta era ninguém ser remunerado. O que aconteceu? Não tinham espaço físico, decidiram fazer na quadra do Pérola Negra que cedeu o espaço. Começaram a fazer, começou a dar certo, e foi crescendo. Começaram a ter referência, vamos no Clube do Samba e tal. Só que começou a entrar dinheiro para escola de samba. O Pérola Negra cedia o espaço, vendiam a cervejinha deles lá na copa, não tinha cobrança na entrada, acabava o evento e todo mundo ia embora. Quem é que ficava lá? A limpeza do local, a água e a luz que foram gastas? Isso aí ninguém via. Ai, quem era que tinha que pagar? A escola de samba. O pessoal ia embora, mas tinha que limpar banheiro, tinha que repor o papel gasto no banheiro, isso era tudo a Escola de Samba que dava. Só que quem estava organizando o Clube do Samba estava achando que só a Escola de Samba estava ganhando dinheiro, só que não. A ideia inicial do Clube do Samba era para se reunir para fazer samba, só que o que aconteceu, eles queriam ganhar. Os músicos que vinham tocar ali, queriam ganhar. Não era a ideia inicial do Clube do Samba. E foi indo, foi indo... e acabou o Clube do Samba^y.

E.V.: Eu conheço o Samba do Mês...

M. B.: O Samba do Mês era a galera do pagode, mas que levava o nome de Samba. Eu não sei muito como era. Eu não participava. Eu falo pelo Clube do Samba, que eu fazia parte lá na quadra do Pérola Negra. Acabou o Clube do Samba, acabou entre aspas, o grupo tá aí.

Figura 4 – Bandeira do Clube do Samba CxS



Fonte: Fanpage do Clube do Samba CxS (Facebook). [Link](#)

202

E. V.: Como você percebe as diferenças do carnaval daqui com o de Porto Alegre, de Pelotas e o de Uruguaiana, por exemplo?

M. B.: Como eu vivi muitos carnavais fora daqui, além destes, os de Santana do Livramento, Santa Cruz, Cruz Alta, conheço o carnaval do interior do Rio Grande do Sul. O carnaval de Caxias, de 2014 para trás, era o pior do Rio Grande do Sul. Em questão de desfile. De 2014 para frente, conseguimos equiparar. Mas o carnaval daqui foi muito desdenhado fora. Principalmente pelo pessoal da Capital. No carnaval de Porto Alegre eu ouvi, literalmente, de pessoas lá que nem sabiam que eu era de Caxias: "Ah, eu fui pra Caxias tirar o dinheiro dos trouxas!" Eles vinham e faziam qualquer coisa e o pessoal daqui dizia: "Ah, tava bom, era o pessoal de Porto Alegre."

Eu falei ali, vinham a comissão de frente de Porto Alegre que diziam: "Vamos fazer qualquer coisa ali que a gente tira 10 no carnaval de Caxias." As harmonias de todas as escolas também eram de Porto Alegre. O pessoal de Caxias nunca valorizou o pessoal de Caxias. Eu ouvi muitas vezes, quando eu saía de algumas escolas, os diretores dizerem que iriam trazer o pessoal de Porto Alegre: "Quero ver ele ser melhor que o pessoal de Porto." Os caras vinham, faziam um lixo de trabalho, vinham bêbados, erravam, eu vendo que estavam errando e, mesmo assim, valorizavam os caras.

Eu me blindei, nos meus trabalhos, com esses pensamentos do pessoal daqui. Eu provei muitas vezes, para mim mesmo, que eu era capaz de realizar algo com o pessoal daqui mesmo, sem trazer ninguém de lá. Eu ouvi muitas vezes, que eu ia para Porto Alegre e copiava todos os arranjos do pessoal de lá e fazia aqui. Eu nunca copiei. Eu via a essência do negócio e botava minha ideia, igual eles fazem lá. Eu presenciei na avenida arranjos muito bons, mas que era do carnaval de São Paulo, da Mocidade, por três ou quatro anos igual. Mas, nunca fui na cara deles falar nada. Os jurados que avaliem. O que eu quero dizer com isso, o pessoal fora da cidade nos teve sempre como chacota. Mas eu sempre vi uma potencialidade de material humano.

E. V.: Há um sotaque próprio no Samba Gaúcho?

M. B.: Olha... entendi o que você quis dizer. Tipo no Rio, onde cada escola tem um jeito próprio de tocar sua caixa e outros instrumentos. Na Imperadores do Ritmo, de Porto Alegre, você percebe bem de como ela é, da Restinga também. Em Caxias vai muito do que estiver dando certo e o pessoal copia.

E. V.: O carnaval brasileiro tornou-se um espaço de inserção social do negro. Em Caxias não deixou de ser assim também. O fato de você ser um não-negro, lhe trouxe algum tipo de evitação pelos outros mestres?

M. B.: Aconteceu uma coisa engraçada comigo, uma vez. Quando entrei para Protegidos da Princesa do Clube Gaúcho^{vi}, eu só vim saber da história do Clube quando eu entrei. Teve uma situação, acho que em 2009, que era meu segundo ano lá. Já estava com uma referência boa de 2008, e em 2009 a gente começou mais cedo os trabalhos. O pessoal do Gaúcho é bem bairrista, veste a camisa mesmo, começou, os mais antigos que estavam afastados da escola começaram a ouvir: *"A Protegidos está bem, está bom os ensaios. Tá dando um público bom, saudável. Ah, mas, por quê? Não, chegou um rapaz que está fazendo um trabalho legal na bateria."*

Eu sempre gostei das histórias e sempre respeitei os mais velhos, para eu estar ali foi porque alguém iniciou. Uma das referências ali era o Bira, professor, carequinha tal, me apresentaram ele. Ele disse: *"Cara que bom que tu tá aqui, acompanhei teus trabalhos fora e vi que tu te dedicas bastante no que faz, quero que meu pai te conheça. Ele é um dos fundadores daqui e faz uns 20 anos que ele não pisa aqui. Chegou nos ouvidos dele, num almoço de domingo, assim e assado, sobre você"*. Respondi: *"Bah! Que legal, cara!"*.

Quando o pai do Bira chegou, pediram para baixar o som e todo mundo começou a aplaudir o cara. Ele entrou e ficou num cantinho do clube, ali. Quando terminou o ensaio, me falaram que ele queria me conhecer. Cumprimentei ele, me apresentei e ele só me olhava, não me falava nada. Quando ele abriu a boca, ele falou: “*Cara, primeiro de tudo vou te dar os parabéns pelo trabalho, muito boa tua bateria.*” Agradei, falei que gosto demais do que faço, e ele continuou: “*Nunca pensei na minha vida que um branco iria comandar a bateria da Protegidos da Princesa*”. Ele tinha sido Mestre de bateria também da Protegidos. Aí, eu cai na realidade. Respondi que posso ser branco na pele: “*Mas que minha essência e a minha realidade é negra*”. Ele olhou diferente assim e disse: “*Tiro meu chapéu pelo que tu tá fazendo.*”

Fiquei pensando muito naquele dia, por tudo que ele passou, por tudo que passam até hoje, infelizmente esse ódio do branco contra o negro. No clube não entrava branco, ele me falou, e eu cai na realidade. E na história eu fiquei sabendo que nunca teve mesmo. Eu sou o primeiro. Quer dizer, a pele branca, né? Minha mulher é negra, e eu sinto a responsabilidade disso.

E.V.: Mestre, de que lado que tu sambas?

M.B.: De que lado que eu Sambo? Sambo do lado de todo mundo. Daquele que não gosta, daquele que gosta, daquele que é apaixonado, como eu, pelo carnaval. Pela essência das pessoas no Carnaval e nos desfiles das Escolas de Samba. Beleza?

E.V.: E fechou!

NOTAS

ⁱ *Still* do Documentário “De que lado que tu samba? O rufar do Mestre Batata” (Dir. Ernani Viana, 2021).

ⁱⁱ O documentário encontra-se disponível no link a seguir na plataforma YouTube, [Link](#). Mais informações no link a seguir: [Link](#).

ⁱⁱⁱ “[...] série *Top Cat* (1961), a qual foi amplamente divulgada na TV brasileira com o título de *Manda-Chuva*. Tal série é protagonizada pela personagem Manda-Chuva: um astuto felino que vive em um beco de Nova Iorque, lidera um grupo de outros gatos, promove sucessivos golpes com o intuito de ascensão social e de obtenção de vida tranquila (ainda que suas façanhas não lhe tragam o êxito desejado).” Junqueira de Souza, R., Luiz, F. T., & Barbosa, G. (2021). O gato afiou nossa língua: Roteiro de ensino de literatura com a série *Manda-Chuva* (1961). *Letras & Letras*, 37(1), 272–293. <https://doi.org/10.14393/LL63-v37n1-2021-16>

^{iv} Gravação realizada no Barracão da Escola de Samba Pérola Negra, Bairro Mariani, Caxias do Sul-RS. 08 de maio de 2021.

^v O Clube do Samba – Caxias do Sul continua realizando atividades no Barracão da Escola de Samba Acadêmicos Pérola Negra. Mais informações na *Fanpage* (Facebook) do grupo no link a seguir: [Link](#)

^{vi} “Quando fundado o clube se chamava Sport Club Gaúcho. Posteriormente, houve uma mudança na grafia, e o nome do clube passou a ser Esporte Clube Gaúcho. Por fim, em meados de 1970, com a alteração do estatuto, sua nomenclatura foi alterada. A partir daí, oficialmente, passou a chamar-se Sociedade Recreativa e Cultural Gaúcho. (...) Foi em 23 de junho de 1934 que o Sport Club Gaúcho iniciou suas atividades em Caxias. O clube se dedica em seus primeiros anos ao futebol, a realização de bailes e outros eventos, muitos desses realizados em sua própria sede. Composto por homens e mulheres, que no início foram divididos em duas diretorias, o clube solidifica os vínculos e os laços de solidariedade entre a população negra da cidade. Nessa associação busca-se a “força” através da “união” de seus associados.” Gomes, F. R. (2008). *Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)* Dissertação, Mestrado em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil, p. 13. [Link](#).

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 10 MAI 24

Aceito: 28 JUN 24